

Venha participar dessa jornada conosco e trocar a experiência da sua comunidade!

**ENCONTROS
SOBERANIA
ALIMENTAR NO
TERRITÓRIO**

16 E 17 DE OUT

Programação:

16 / 10

10h às 13h | Coleta de alimentos junto com a Frente de solidariedade e luta da ZO - Praça Elis Regina >> *Se possível, doe um alimento.*

11h às 12h | Agito em celebração aos 25 anos do princípio de Soberania Alimentar - Praça Elis Regina

14h às 15h | Transmissão do ato internacional da Via Campesina, Marcha Mundial das Mulheres e outras organizações - Espaço Ermaná (confirmado)

15h às 15h30 | Concentração para trilha de reconhecimento no Viveiro II do Butantã. **15h30** | Saída da trilha

17 / 10

10h às 12h | Roda de conversa: Troca de experiências sobre solidariedade e acesso ao alimento agroecológico na periferia - CRESAN/Butantã (confirmado)

10h às 12h | Ciranda para crianças : Oficina de produção de tintas naturais e colagem com elementos naturais

Não esqueça a máscara, e traga sua caneca :)

Realização: 

Parceiros: 

Apoio: 

Relatoria: Encontros soberania alimentar nos territórios (16 e 17 de outubro 2021)

No último dia 16 de outubro (Dia Mundial da Alimentação) a luta pela Soberania Alimentar fez 25 anos e uma série de 4 encontros foram realizados entre os dias 16 e 17 no território do Butantã, na cidade de São Paulo, para lembrar e reafirmar o compromisso dos movimentos sociais com esse princípio extremamente atual e urgente no Brasil. O sentido dos encontros foi de reconhecer e fortalecer as lutas que já estão acontecendo no território.

O princípio da Soberania Alimentar foi proposto e defendido pela Via Campesina em 1996 durante a Cúpula Mundial sobre a Alimentação realizada em Roma pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em contraponto ao conceito de segurança alimentar absorvido pelas grandes corporações alimentícias e a Organização Mundial do Comércio (OMC). Enquanto para a garantia da segurança alimentar estava sendo proposta a criação de acordos multilaterais de livre comércio e o aumento da circulação de commodities pelo globo, a soberania alimentar foi construída em defesa das culturas alimentares dos povos, estando no centro da questão a importância de escolha sobre o que cada povo e país quer plantar e comer e assim, o cuidado com a sociobiodiversidade planetária.

Aqui no Brasil a Ação da cidadania contra a fome e a miséria pautou no começo dos anos 1990 a necessidade de políticas que se organizaram em conferências e conselhos de segurança alimentar. Por isso, alguns setores do movimento articulam os dois conceitos pela defesa da Soberania e segurança alimentar e nutricional.

Doação de alimentos e Agito na Praça Elis Regina junto com a Frente de Solidariedade e Luta da Z/O

A primeira atividade organizada no fim de semana foi um chamado para doação de alimentos na Praça Elis Regina em parceria com a Frente de Solidariedade e Luta da Zona Oeste. A Frente atua todos os sábados neste mesmo local recebendo alimentos que serão encaminhados para comunidades da região como uma proposta de combate a fome e a insegurança alimentar que atinge 55,2% da população brasileira, segundo pesquisa da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN) de 2020. Segundo relato das lideranças que organizam as doações, neste dia a quantidade de alimentos recebidos superou bastante o que estava sendo recebido nas últimas semanas.

Em torno das doações se reuniram lideranças de movimentos sociais, comunidades locais, instituições e partidos políticos que atuam na região e uma delegação de agricultoras e agricultores do Vale do Ribeira. Cada organização compartilhou, para uma média de 80 pessoas que circularam por lá, as propostas e ações que estão sendo praticadas em torno do combate à fome e a pobreza que assola as periferias do Butantã. Foi falado sobre hortas comunitárias, acessibilidade do alimento agroecológico, união campo-cidade, reforma agrária, economia solidária, solidariedade e cooperativismo, alimentação e trabalho doméstico, feminismo e soberania alimentar, ocupação e conservação dos espaços verdes das cidades, entre outros. Os movimentos e partidos presentes eram: APA (Associação Paulista de Agroecologia), Associação Nacional do Reggae (Portal RAS), CEA-FIM (Centro de Envolvimento Agroflorestal Filipe Moreira), Coletivo Butantã na Luta, C.U.B.A (Comunidades Unidas do Butantã em Ação), Comunidade do Gelo, Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres no Butantã, Frente de Solidariedade e Luta da Z/O, ITCP/USP (Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP), MMM (Marcha Mundial das Mulheres), MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), MUDA (Movimento Urbano de Agroecologia), PCdoB, Psol, PT, incluindo a vereadora Juliana Cardoso, RAMA (Rede de Agroecológica de Mulheres Agricultoras/Vale do Ribeira), Rede Butantã, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região, SOF (Sempreviva Organização Feminista), Trilha Orgânica e Via TV. Este foi um momento em que diversas iniciativas do território do Butantã se encontraram e se conectaram para construção de ações futuras.

Após as falas, distribuimos um lanche agroecológico que foi preparado e organizado por um empreendimento de mulheres. Para cuidar da saúde de todos frente a pandemia, organizamos kits individuais e nos espalhamos na praça (ao ar livre) para comer, respeitando o distanciamento social.

Ato internacional da Via Campesina e roda de conversa no Espaço Ermaná

Então fomos para o Espaço Ermaná para a segunda atividade do dia. O Espaço Ermaná é um coletivo que reúne profissionais, em sua maioria mulheres, que gerem e trabalham em uma casa comum. Lá convidamos os participantes a assistir o ato internacional da Via Campesina com falas de movimentos camponeses organizados do mundo todo. Por questões técnicas não conseguimos terminar de ver o vídeo e abrimos uma roda de conversa sobre o tema. Miriam Nobre da SOF e da MMM introduziu a roda contando como se deu a aliança entre a MMM e a Via Campesina no Fórum Nyèleni por Soberania Alimentar, em 2006 no Mali. Miriam contou que nesse espaço foram debatidas questões

sobre a contribuição das mulheres para a manutenção da diversidade de espécies alimentícias e práticas culinárias, desde o cultivo de quintais agroflorestais para o autoconsumo até a produção e o preparo dos alimentos, prática em geral invisibilizada. “Debatemos as condições em que o preparo dos alimentos é realizado: um trabalho doméstico realizado majoritariamente pelas mulheres, ignorado em sua dimensão econômica, como se fosse uma extensão natural das atribuições que a sociedade patriarcal assinala às mães e esposas.” relata Miriam Nobre no artigo *Soberania alimentar: o percurso da Marcha Mundial das Mulheres* publicado no Brasil de Fato no dia 12 de outubro de 2021. Tornou-se então explícita a importância das mulheres na defesa da soberania alimentar dos povos e fez-se fundamental que o princípio seja também feminista.

A conversa continuou com Pedro Baiano, agrofloresteiro da Barra do Turvo, nos questionando acerca dos valores que predominam na sociedade de hoje. A mercantilização de tudo o que é natural e a exaltação dos bens materiais como o espelho da felicidade é uma ofensa aos valores do camponês e acaba por transformar as pessoas do campo também. Para exemplificar este tema, Suelen e Meiriane, mulheres integrantes da juventude da RAMA, nos contaram sobre algumas transformações que a experiência de comercialização com a Rede de Grupos de Consumo Responsável de SP (Rede de GCR) proporcionou no interior das suas famílias. A Rede de GCR se encontra no entreposto solidário Galpão Alimenta a cada 15 dias para distribuir os alimentos que chegam do Vale do Ribeira. Elas contaram que a produção de arroz de pilão e farinha de milho de monjolo, por exemplo, práticas antigas das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, por vezes eram mais valorizadas pelos compradores da cidade do que pela própria comunidade. Hoje relatam que se alimentar destes produtos, livres de agrotóxicos e que revelam uma cultura alimentar própria é a prioridade de suas famílias, o que significa que apenas o excedente da produção é comercializado. Suelen nos contou com orgulho que no ano de 2021 todo o arroz consumido dentro de sua casa veio da produção familiar, uma manifestação da própria soberania alimentar sendo concretizada no interior da sua comunidade.

Caminhada de reconhecimento no Viveiro II da subprefeitura do Butantã

Mesmo com a chuva, seguimos para a terceira atividade do dia no Viveiro II da subprefeitura do Butantã. Cerca de 30 pessoas foram recebidas no espaço pelo Movimento Cuidar do Viveiro II, pela Associação Nacional do Reggae e pela Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres no Butantã, coletivos que cuidam do espaço desde 2016. Em roda eles nos contaram a história do terreno e a importância de cuidarmos para que ali seja mantida uma área verde pública onde a população possa usufruir como lugar de convivência e educação ambiental. O Viveiro II, apesar do nome, nunca foi de fato um espaço de produção de mudas. Na realidade, por alguns anos a área foi destinada para auxiliar na logística de distribuição de mudas do Parque do Cemucam, mas que em determinado momento foi desativada e ficou com os portões fechados por anos, sem função social. Os anfitriões da atividade nos contaram que desde que tiveram autorização da subprefeitura para cuidar do espaço, retiraram 3 caminhões de lixo do terreno, organizaram mutirões em torno de uma horta comunitária e diferentes modelos de compostagem comunitária, e como principal atividade, a rede autogestionária de produtoras da Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres no Butantã abria as portas do Viveiro II mensalmente para o público em geral participar da sua feira. Depois de 2 anos sem realizar o evento neste local, com grande alegria nos foi anunciado que, nos meses de novembro e dezembro

a Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres no Butantã voltará a ocupar o espaço para as edições das feiras de fim de ano.

Seguimos com uma caminhada de reconhecimento do espaço onde adentramos a mata que une a parte baixa da parte alta do terreno. Julio Muller, Projeta Viveires, nos contou que este pedaço de mata faz corredor ecológico com o Parque da Previdência, a Praça Elis Regina e a Universidade de São Paulo, sendo um contínuo de floresta onde pássaros e pequenos roedores encontram refúgio na cidade. No trajeto foram identificadas algumas árvores nativas, como ingá, cacau e uvaia que foram plantadas anos atrás pelos cuidadores do viveiro. Chegamos, então, ao espaço que era destinado ao cultivo de uma horta comunitária. Durante a pandemia a horta não foi mantida e o que vimos foi a terra batida com algumas ramas de mandioca crescendo. O Movimento Cuidar do Viveiro II gostaria de retomar as atividades, começando na data de hoje, com a compostagem e o plantio de uma muda de Cereja do Rio Grande. Esta ação integrou-se ao Movimento Urbano de Agroecologia e a Campanha Gente é para Brilhar como uma das iniciativas de #Compostação e #Cultivação da Região Metropolitana de São Paulo.

Roda de conversa no CRESAN / Butantã

No dia seguinte, realizamos o último encontro do fim de semana no espaço do CRESAN/Butantã - Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional, localizado no Jardim Jaqueline. Estiveram reunidas 28 pessoas, dentre elas moradoras do Jd Jaqueline e de outras comunidades da região que estão fazendo um trabalho de distribuição de alimentos nos seus bairros, para uma roda de conversa sobre o tema da solidariedade e o acesso ao alimento agroecológico nas periferias, neste contexto de profunda crise econômica, social, política e ambiental que estamos atravessando. Para começo de conversa, Vera Machado nos contou que o CRESAN é um espaço com muita história e que surge como um equipamento para o enfrentamento da fome em parceria com a assistência social. Já foi um espaço de organização e distribuição de cestas de alimentos, e também já abrigou uma cooperativa de moradoras do território, a cooperativa Mãos na Massa. Hoje o equipamento não está com nenhuma atividade voltada para o enfrentamento da fome no território.

Por mais dura que esteja a realidade, ao longo da conversa ouvimos falas, principalmente de mulheres, sobre os aprendizados que as doações de alimentos trouxeram para elas. Foi dito sobre a capacidade que temos de mapear as necessidades, sobre a prosperidade da construção de uma rede de solidariedade e a necessidade de se organizar para que a rede aconteça, sobre o conhecimento que existe nas periferias para o cultivo de alimentos e as ações de hortas comunitárias e sobre o caminho de mão dupla que é a aproximação campo-cidade. Por outro lado, também foram levantadas dificuldades como a do acesso ao alimento saudável e agroecológico nas periferias e, dentro do contexto das hortas comunitárias, dos vizinhos entenderem o que está sendo feito e apoiarem a iniciativa.

A conversa também apontou para cobranças que devemos fazer ao poder público para que assuma seu papel na superação da fome e promoção do direito à alimentação adequada. Uma proposta levantada foi a organização de uma política pública intersetorial que seja construída com participação popular, e que seja de fato efetiva no combate à fome. Também foi trazida a necessidade de cobrar que o orçamento, tanto da prefeitura, quanto da

Universidade de São Paulo tenha reservas destinadas à construção da soberania alimentar nos territórios. Em relação ao CRESAN, foi enfatizado que o espaço funcione como um pólo aglutinador e permanente de produção e distribuição de marmitas, empregando pessoas do próprio território neste trabalho.

Simultaneamente aconteceu uma ciranda com as crianças, coordenada pela Bárbara Nascimento, com tinta de terra, reconhecimento de PANC e outras atividades de relação com a natureza que foram integradas ao encontro das pessoas adultas ao som da música Re-fazenda, executada pelas companheiras Susana Basualdo e Clara Ribacamá. Simbolicamente estávamos re-fazendo aquele espaço e apontando para seu futuro.

A série de encontros nos lembrou a potência que temos quando encontramos nossos pares. Estar junto com outras iniciativas que enfrentam os mesmos desafios e encontrar caminhos em comum, nos trouxe energia e esperança para continuar os trabalhos. A luta pela soberania alimentar e combate à fome deve caminhar junto com a luta pela reforma agrária e a agroecologia na construção de uma economia feminista, anti-racista, justas e solidária. Saímos desse fim de semana com a vontade de construirmos mais intercâmbios entre os bairros para que esta rede continue crescendo. As organizações presentes ressaltaram a importância de retomar atividades presenciais com todos os cuidados de segurança, conhecerem outras iniciativas atuantes na região e se inspirarem nas formas como os encontros aconteceram. Apontaram para continuidades como mutirões semanais no Viveiro II, rodas de conversa durante as coletas de alimentos na Praça Elis Regina e mais encontros em finais de semana no CRESAN.

Obrigada a todas, todos e todes que estiveram conosco nessa jornada, e a todas, todos e todes que constroem essa luta mas não puderam estar.

A série de encontros teve apoio da Fundação Rosa Luxemburgo, do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e da Frente de Solidariedade e Luta da Z/O.

Relato: Andréia Barreto